

Definindo uma Matriz
Materno-Centrada para Definir a
Condição das Mulheres



Nah Dove

Definindo uma Matriz Materno-Centrada para Definir a Condição das Mulheres

Nah Dove

(Tradução, Wellington Agudá)

Este artigo centra-se na importância da Matricentralidade para o desenvolvimento do Estado. A África moderna é confrontada com a imposição de países ocidentais que são fundamentalmente masculino-centrados e antiéticos para o bem-estar da África e seu povo e, por essa questão, toda a humanidade. A definição da Matriz Materno-Centrada que impulsionou o desenvolvimento de Kemet desafia a crença de que os Estados Unidos e outros estados modernos são necessariamente progressivos. Questões de "desenvolvimento" de uma perspectiva culturalmente sensíveis destacam a importância de Kemet como um modelo de estado que pode proporcionar às pessoas africanas contemporâneas com exemplos de formas de governar e de viver que ainda estão sem paralelo por parte dos Estados modernos.

Um povo que perca de vista as origens está morto.
Um povo surdo à pretensão está perdido.
Sob chuva fértil, no sol escaldante não há diferença: os seus corpos são meros cadáveres, aguardando sepultamento final.

Ayi Kwei Armah (1973, p. xiv)

Neste trabalho, Kemet (antigo Egito) é considerado o progenitor do Estado moderno. Representa o primeiro modelo conhecido que produziu um ambiente urbano. Embora haja reconhecidamente diferentes tipos de estruturas estatais, pode ser concebido que este modelo antigo, desde que o padrão que influenciou o desenvolvimento de outros modelos de estado. Isto não é para negar a existência de outros modelos que precederam e influenciaram o desenvolvimento de Kemet. À luz das suas realizações, a origem Africana de Kemet coloca as pessoas negras na vanguarda do desenvolvimento da moderna humanidade urbana. A inferiorização contínua da África e seu de povo desafia essa afirmação. Esta aparente contradição tem colocado o campo da egiptologia em uma posição difícil, pois ela tenta afirmar a grandeza da civilização europeia, apropriando características culturais africanas.

A este respeito, o conhecimento de Cheikh Anta Diop de África levou-o a desafiar a escola de egiptologia. No Simpósio sobre o "Povoamento do Antigo Egito e A Decifração da Escrita Meróitica", em 1974, organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Organizações Culturais (UNESCO) no Cairo, Diop e seu aluno Obenga desafiaram egiptólogos com argumentos preparados que criticaram algumas das premissas fundamentais dentro da disciplina. Em especial, Diop e Obenga desconstruíram a noção de que povo africano tinha pouco ou nada a ver com o desenvolvimento do Egito Antigo. A partir dos seus dados lingüísticos, arqueológicos, históricos e antropológicos, eles foram capazes de teorizar de forma convincente que o movimento norte da humanidade da África central para o resto do mundo poderia ser aplicado para o povoamento do Antigo Egito (Diop, Leclant, Obenga, & Vercoutter, 1997). Eles se opuseram com sucesso, ao que implica a Egiptologia, que a civilização egípcia se desenvolveu como resultado do impacto das influências mais ao norte, chamadas Caucásicas. Como um resultado, o Egito antigo pode agora ser visto como culturalmente Africano. Além disso, a recente descoberta de ferramentas de osso que datam de 90.000 anos, encontradas no Congo, desafiam ainda mais a crença de que a Europa foi o lar dos seres humanos modernos. Estes resultados afirmam que a África foi a casa de pessoas

cujas ferramentas foram avançados alguns 50.000 anos antes dos da Europa (Yellen, Brooks, Cornelissen, Mehlman, e Stewart, 1995, pp. 553-556).

A missão de Diop (1974) foi a de reivindicar Kemet à África, através de unir suas características culturais ao resto da África. Ele acreditava que "a história da África negra permanecerá suspensa no ar e não pode ser escrita corretamente até historiadores africanos se atreverem a conectá-la com a história do Egito" (p. xiv).

A TEORIA DO BERÇO DE DIOP REVISITADA

Fundamentado por seu amor pela humanidade, Diop procurou retificar tentativas escolares de rebaixar a África e seu povo. A "teoria do berço" foi uma tentativa de mostrar que as distinções entre as pessoas pode estar ligada às suas convicções culturais. Cultura está inserida tão profundamente em um povo que a sua identidade humana como pessoas e indivíduos é moldada por ela. Além disso, para um povo manter a cultura, é necessário preservar a memória cultural através do seu conhecimento histórico, linguagem e psicologia.

Para as pessoas da África, a escravidão, colonização e neocolonização têm cortado e corroído grande parte da memória cultural. Homens e mulheres Africanos treinados em escolas e universidades ocidentais e árabes foram inculcados com interpretações culturais alienígenas (muitas vezes, anti-Africanas) de suas próprias histórias, assim grandemente influenciando a construção de estruturas políticas e decisões relativas pessoal, familiar e de "desenvolvimento" social.

Diop advertiu que

Cada povo deve edificar sua própria cultura e, especialmente, deve escrever a sua própria história, em vez de se contentar com um conhecimento passivo da [sua] cultura e história tão mal representadas nos escritos estrangeiros. (Diop, 1996, p. 54)

Mesmo Diop não escapou do paradigma histórico-cultural ocidental. Entre as suas muitas revelações, a teoria berço é capaz de mostrar como a cultura pode assegurar a mudança social através de dominação e conquista e como a mudança social pode ocorrer quando um povo recupera conhecimento de sua memória cultural (identidade) e se levanta para desafiar tal conquista. Diop aplicou uma teoria baseada na cultura europeia de Marx às suas idéias na construção e desenvolvimento do estado¹, limitando, assim, involuntariamente sua própria análise teórica. Este trabalho leva a teoria do berço de Diop mais longe, argumentando que a definição da característica cultural-social de sociedades nacionais ou estaduais é a materno-centralização ou a falta dela. Mais ênfase sobre esta distinção facilitará a compreensão do conflito fundamental entre o desenvolvimento das civilizações e estado Africanos e europeus. Este artigo foca na importância da matricentralidade para o desenvolvimento do Estado.

A África moderna é confrontada com a imposição de países ocidentais que são fundamentalmente masculino-centrados e antitéticos para o bem-estar da África e seu povo e, por esta questão, toda a humanidade. Kemet é um modelo de estado que pode proporcionar às pessoas africanas contemporâneas exemplos de formas de governar e de viver que ainda estão sem paralelo por parte dos Estados modernos.

Os dois principais berços da civilização – o berço do sul, África, e o berço do norte, Europa – representam modos de estruturas sociais que são quase antitéticas entre si. África, onde a humanidade começou, produziu sociedades materno-centradas. Com o tempo, a migração dos povos africanos para o clima do norte produziu sociedades patriarcais, centradas no sexo masculino. Distinções culturais entre estes berços são

atribuídos ao arranjo das relações de poder feminino/masculino. Estas duas entidades culturais tiveram um impacto sobre as outras, criando "zonas de confluência" (Diop, 1959/1990, p. 55). O povo do berço Austral ou materno-centrado, por instância, uma vez povoou a Arábia, ou o que é conhecido como o Oriente Médio. Ao longo do tempo, conquistadores do berço Setentrional impuseram crenças e práticas patriarcais que se manifestam hoje, no reino espiritual, como as religiões cristã, hebraica e islâmica (Dove, 1998, p. 522).

Dentro da Matriz Materno-Centrada², equilíbrio entre os princípios feminino e masculino é buscado dos planos físico e material ao espiritual. Materno-centrado literalmente significa construções sociais e culturais conduzidas maternalmente. Em tais sociedades, a linha de herança através da mãe é conhecida como matrilinear ou, qual Amadiume (1987, p. 17) denomina, Materno-focada/matrifocal. Um conceito de sistema Akan (do Gana) é que o Mogyá (sangue), é dado à criança pela mãe (Opoku, 1978, p. 99). É importante que, ao contrário da Europa, mesmo as sociedades patrifocais ou paterno-focadas na África, em que a linha de descendência é através do pai, buscam relações de poder feminino-masculino recíprocas (Diop, 1959/1990, pp 66-72; T 'Shaka, 1995, pp. 194-196). As mulheres Ga (do Gana), por exemplo, não levam nomes de seus maridos quando se casam e concessões com a nomeação e linhagem são feitas (Odotei, 1989, 43 p., 46). A mãe é vista como o portadora da vida, o canal para a regeneração espiritual dos ancestrais, a portadora da cultura, e do centro de organização social (Dove, 1998).

A família nesta matriz procura uma relação recíproca entre membros femininos e membros masculinos. Por exemplo, os membros femininos e masculinos da família serão igualmente respeitados por sua contribuição ao desenvolvimento da família. Como T'Shaka (1995, p. 39) postula, essa relação equilibrada é a base de uma "sociedade justa". Em vista disso, pode-se dizer que, se a parceria entre o feminino e o masculino, o que constitui a menor unidade da família e, portanto, da sociedade, for igual, então tudo o que evolua a partir desta estrutura de poder se esforçará para reflectir essa igualdade. Foi a partir dessa matriz cultural que a noção de justiça foi criada, de acordo com Diop, T'Shaka, e outros.

Em contraste à estrutura familiar materno-centrada, individualidade e a prioridade de si sobre os outros é um princípio fundamental do sistema de crença desse berço. Esta família reproduz relações pessoais e sociais hierárquicas, como resultado da dominação do masculino sobre o feminino. Todos progênes são obrigados a reproduzir essa hierarquia dentro da família. A manutenção desta parceria desigual deve ser continuamente justificada. Noções hierárquicas de superioridade e inferioridade racionalizam razões pelas quais a mulher deve ser subserviente ao homem. Este desequilíbrio ou injustiça é a base para o conflito e agressão. Reflete-se na ordem social, com exemplos como desrespeito às mulheres, crianças e idosos. Conceitos como raça e diferença humanas seguem a mesma lógica e são justificados em uma ordenação hierárquica da humanidade. Essas sociedades podem ser chamadas patriarcais, paterno-centradas, ou paterno-conduzidas. A mulher é considerada

um fardo que o homem arrastou atrás de si. Fora de sua função de fértil, seu papel na sociedade nômade é nulo. Tendo um valor econômico menor, é ela quem deve deixar seu clã para participar do de seu marido, contrariamente ao costume matriarcal que exige o oposto. (Diop, 1959/1990, p. 29)

Embora o potencial para as sociedades materno-centradas seja o de buscar equilíbrio e reciprocidade entre os membros da sociedade, as sociedades conduzidas pelo pai buscam o controle paterno-centrado sobre a mulher.

Amadiume (1987) afirma que, contrário à ideia de Diop, "não foi um 'dualismo harmonioso' entre homens e mulheres nos sistemas matriarcais. . . . Em qualquer sistema, os homens incessantemente buscaram controlar as mulheres e os seus serviços, e mais

frequentemente conseguiram do que não” (p. 84). Isto sugere talvez uma tensão natural entre o masculino e o feminino que as relações de poder na sua forma mais concreta manifesta como patriarcado. Um exemplo apresentado por Houessou-Adin (1998) foi que durante a guerra das mulheres Ibo na Nigéria, as mulheres lutavam não só contra a tributação colonial britânica sob “governo indireto” e a destruição que causou às suas bases de poder, mas também contra alguns homens nativos e a autoridade colonial qual os homens colaboravam. Pode dizer-se, portanto, que a preservação das instituições feminino-centradas é crítico para a sobrevivência da Matriz Materno-Centrada.

Para Diop, no entanto, os interesses ambientais afetam mais fortemente a dinâmica dessas relações. A origem da Matriz Materno-Centrada é atribuído a um estilo de vida agrário em um clima de abundância, enquanto que o patriarcado é associado com as tradições nômadas decorrentes de ambientes agressivos. Kemet é caracterizado como uma civilização materno-centrada, que evoluiu a partir de sociedades agrárias sedentárias. Seu desenvolvimento dependeu da vinda voluntária conjunta das cidades, vilas e aldeias ao longo do rio Nilo com base em interesses coletivos no apoio a uma autoridade nacional que poderia avançar o cumprimento de suas necessidades (Diop, 1991, pp 129-130;. Kemp, 1989 , p. 62). Intrínseco a este modelo é a semelhança cultural entre as pessoas que convidaram e cimentaram os preceitos fundamentais para esta construção de estado. É a partir desta construção que os primeiros urbanos foram produzidos.

SIGNIFICADO DA CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO

Os Estados modernos, particularmente os Estados Unidos, são construídos para a especificação cultural do patriarcado europeu. Como afirmado anteriormente, é uma argumentação deste artigo que as relações de poder patriarcal são incapazes de fornecer o ambiente social propício ao bem-estar dos povos africanos, especificamente mulheres e crianças, e de todas as pessoas em geral. Kemet abraçou o ideal de potencial desenvolvimento humano por causa de sua Matriz Materno-Centrada. Uma missão importante deste artigo é a de associar a qualidade de uma civilização (o tratamento das mulheres, por exemplo) à representação simbólica da mãe.

Diferenças em relação a Kemet e os Estados Unidos estão relacionadas com as distinções culturais entre as pessoas que os projetaram. A realidade histórica é que Kemet foi o primeiro estado conhecido, e com base em semelhanças estruturais nos Estados Unidos e outros países ocidentais, eles devem ser vistos como imitações. No entanto, a capacidade europeia para replicar este modelo de Estado é limitada pela sua falta de conhecimento cultural relativo à Matriz Materno-Centrada e, em particular, a espiritualidade Africana, a base do poder das mulheres na África.

Culturalmente, os Estados Unidos, criado por descendentes da Europa, pode ser caracterizado como sendo patriarcal. Além disso, os Estados Unidos pode ser comparado ao seu antepassado antigo, o modelo de estado Espartano (Diop, 1991, p. 132). A evolução dessa estrutura de estado patriarcal é contingente sobre o genocídio dos povos indígenas ou originais. Como Diop (1991) postulou,

Se por qualquer razão o grupo étnico conquistando se recuse a misturar-se com o elemento que conquistou o indígena e baseia a sua dominação sobre esta separação absoluta, a oposição é essencialmente étnica e sempre será resolvida, na história antiga e moderna, por genocídio. (p. 132)

A maioria dos estados modernos, como Austrália, Nova Zelândia, Canadá, África do Sul, e assim por diante, pertencem a este modelo (Diop, 1991, 132- pp. 133). Israel também pode ser visto a esta luz. A semelhança cultural na construção desses estados revela as diferenças distintas entre as relações de poder materno-centradas e patriarcais. Considerando que a construção do Estado de Kemet necessitou da colaboração dos povos nativos na sua organização, o estado espartano e estes estados modernos utilizaram terrorismo e barbárie para construir suas estruturas sociais. Desta forma, eles institucionalizaram a dominação continuada de e domínio sobre um povo conquistado cujas terras, recursos e energias forneceram os estados com a sua base de poder.

Durante o desenvolvimento do modelo norte-americano (e os estados da América do Sul), a chegada dos europeus sinalizou o alvorecer da escravização e extermínio dos povos das Primeiras Nações originária das Américas. Como um povo essencialmente materno-centrado, a dominação patriarcal que se seguiu foi devastadora. O declínio nas populações nativas devido à escravidão, genocídio e doenças trazidas pelos europeus foi catastrófico. Carew (1994, p. 72) citou uma estimativa de 68 milhões de indígenas que morreram no holocausto. Suas vidas eram dispensáveis porque os europeus colocaram um prêmio sobre suas terras, e não sobre as suas energias. Ironicamente, mais valor foi colocado sobre as energias dos povos africanos capturados e escravizados. Ao longo do tempo, à nação foi ensinada uma história fabricada sobre como o Oeste foi ganho

Quando o processo de eliminar a população nativa é concluída como uma cobra que terminou engolir sua vítima, um sentimento de culpa coletiva, que é difícil de suprimir, aperta a consciência dos conquistadores e dá origem a uma literatura expiatória, nas formas de lendas da fundação das cidades em que os povos conquistados são acusados de todos os pecados. . . o povo assassino, desta forma recupera uma consciência imaculada. (Diop, 1991, p. 133).

Filmes foram e são utilizados como um meio em tempos contemporâneos para rebaixar e criminalizar as pessoas das Primeiras Nações que foram forçadas ao exílio nos espaços de terras menos produtivos/arvenses. Paradoxalmente, muitas pessoas afro-descendentes têm e continuarão a desempenhar um papel significativo no genocídio contínuo de pessoas das Primeiras Nações.

Outra ironia é que a imposição deste modelo de estado sobre os grupos conquistados, que são treinados para sustentá-lo, pode produzir os mesmos resultados. Em outras palavras, os próprios indígenas podem tornar-se agentes da opressão e genocídio, como no caso óbvio de Ruanda e Burundi e os casos menos óbvios em outras partes da África, onde as pessoas tradicionais, cujas terras são exploradas pelo Estado, podem ser privados de seus benefícios e permitidas a morrerem por negligência (se a privação das necessidades básicas for tradicional). Neste tipo de situação, a necessidade e a capacidade de sustentar uma instituição militar maciça recebe uma alta prioridade. A necessidade de produzir e manter a riqueza requer a priorização de armamentos.

Kennedy (1989, p. Xvii), como Diop, traçou melhoria militar e avanço tecnológico para os resultados com base em rivalidades históricas entre as sociedades em conflito e reinos europeus. Por outro lado, em Kemet, o peso do poder civil em relação ao poder militar era muito maior, e "aristocracia militar" não era o "ponto focal da sociedade" (Diop, 1991, p. 129). Esta condição não nega a capacidade das sociedades materno-centradas de irem à guerra, ao contrário, sugere que a paz é considerada preferível.

Kemet, mesmo durante as suas fases imperialistas, por exemplo, a dinastia do Novo Reino XVIII, quando Tutmósis III foi capaz de garantir e manter um vasto império, era considerado menos militarmente orientado do que invasores, como os hicsos, hititas, persas e gregos. De fato, os casamentos entre membros das famílias governantes às princesas de inimigos potenciais eram considerados vitórias políticas e empreendimentos de pacificação. Parece que o militarismo foi mais uma tática defensiva, em que a

seguridade de seus recursos dos invasores foi fundamental para o seu desenvolvimento. A paleta de Narmer, que retrata a unificação do alto e baixo Kemet, mostra a vitória de Narmer sobre os invasores da Ásia durante a época do Império Antigo, oferecendo um registro claro de primeiras tentativas patriarcais de conquistar e assegurar aquela área.

Atualmente, os egiptólogos consideram o rei Narmer, às vezes conhecido como Menes, como o primeiro dos reis da dinastia que chegou ao poder 3.200 anos a.C. A escola de Egiptologia começa o período dinástico cerca de 2.000 anos após a data prevista pelo historiador, estudioso, e sacerdote, Manetho, quem escreveu a história dinástica do Kemet em 241 a.C. Por sua conta, este período começou 5.700 anos a.C. Além disso, ele colocou a antiguidade de Kemet a 17.000 anos a.C (Chandler, 1991, p 120;. Hilliard, 1991, p 211;. Walker, 1999, p. 19). A mudança nessas datas tem uma grande influência sobre a capacidade da Europa para reivindicar a origem européia de Kemet.

No entanto, antes do triunfo do rei Narmer em unir Alto e Baixo Kemet, o Baixo Kemet no norte continuamente sofreu com as incursões de colonos invasores. C. Williams (1987) postulou que os colonos asiáticos brancos que tentando assumir o controle constantemente ameaçaram africanos nativos. Para contornar esta situação, os africanos projetaram uma fronteira entre o norte (Baixo) e sul (Alto) para manter saqueadores fora do sul. Narmer efetivamente trouxe o norte sob o controle do sul, através de governo Africano. Este evento é conhecido como a unificação das duas terras. Em respeito à unificação das Duas Terras e a origem Preta Africana de Kemet, possivelmente, uma das conclusões mais controversas foi a evidência arqueológica do professor Bruce Williams, da Universidade de Chicago. Um queimador de incenso arcaico de Horus mostrando uma procissão real com um rei com a coroa do Alto Kemet foi encontrado em Qustul na Baixa Núbia ou Alto Kemet. B. Williams (1991) disse:

O grande esforço de resgate de 1960 revelou recentemente um berço da civilização faraônica várias gerações antes do surgimento da primeira dinastia egípcia histórica. Esta constatação torna-se ainda mais surpreendente pelo fato de que avançada organização política não era acreditada ter vindo a Núbia, ou qualquer lugar ao sul do Egito, por mais de 2.500 anos. (p. 90)

Neste caso, o rei Narmer não pode ser creditado com a aclamação de ser o primeiro rei da dinastia. No entanto, governo Africano contínuo durou durante as primeiras seis dinastias reconhecidas (B. Williams, 1991, p. 146). Pode ser que os antecedentes Núbios (Africanos) do desenvolvimento da estrutura do Estado sejam muito mais antigos do que se pensou anteriormente.

MATERNO-CENTRADO VERSUS CONTRADIÇÕES PATERNO-CENTRADAS

É possível equiparar os contínuos conflitos no norte de Kemet a tensões entre valores e crenças materno-centradas e patriarcais. Ao longo dos anos dinásticos, o conflito, como C. Williams (1987) argumentou, foi para afetar a linhagem de reis e rainhas, bem como a lealdade dos reis à África. Com o tempo, os asiáticos ou brancos foram capazes, através do casamento na linhagem Africana, de se tornarem legítimos monarcas com fidelidade ao pai. Desta forma, os valores materno-centrados teriam se corroído. O sistema de herança matrilinear ou materno-focado através da mãe exigia a lealdade à mãe para ser mantida se a cultura permanecesse intacta. Até o ressurgimento da Matriz Materno-

Centrada, regenerada pelos governantes de Kush da 25ª dinastia, a importância do papel das mulheres tinha diminuído substancialmente. Embora, até mesmo pelo tempo dos gregos, Kemet ainda era essencialmente materno-centrada/matrifocal, tanto em termos de linha de descendência real, quanto em seu foco espiritual.

Mais de dois milênios depois de Narmer, Piankhi de Kush, no sul da Kemet, teve soberania Africana legítima como o primeiro rei da 25ª dinastia. Piankhi e sucessivos reis dessa dinastia fizeram uma tentativa concertada para retornar Kemet às suas crenças e valores materno-centrados de seu antigo reino.

Eles tornaram numa prática instalar seus parentes femininos como alto-sacerdotisas de Amon em Tebas. Essas mulheres, trabalhando através de seus próprios primeiros-ministros, governantes estavam em efeito do Alto Egito. Eles empreenderam restauração maciça e obras públicas em Tebas e em todo Alto Egito. (L. Williams & Finch, 1985, pp. 22-23).

Tebas era conhecida como "a Mãe das Cidades" (C. Williams, 1987, p. 90). Enquanto as sacerdotisas governavam o Alto Kemet, os reis governavam de Napata, em Kush (C. Williams, 1987, p. 23). Napata foi a capital do domínio sul, que incluía áreas em redutos da África. Como Johnson (1978, p. 212) observou, os Kushitas restauraram não somente a instituição da Alta Sacerdotisa chamada Adoradora Divina de Amon, mas também a adoração adequada de Ptah, em Memphis. Amenirdas 1ª, a irmã de Piankhi, foi instalada por seu irmão como chefe Profetisa de Amon e governou o Principado de Tebas (L. Williams & Finch, 1985, pp. 23-24). Importaneamente e mantendo os princípios materno-centrados, a regência Kushita foi compartilhada entre homens e mulheres. Esta dinastia foi considerada outro e, provavelmente, o último ponto alto no desenvolvimento de Kemet (Goldman, 1991; Monges, 1997; L. Williams & Finch, 1985).

INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA DIREÇÃO ESTATAL

Em ambos os sistemas, Africanos Antigos e norte-americanos, o chefe de Estado é responsável pela tomada de decisões críticas. Para os kemitas, seu rei era considerado tanto a nível central e divino para a sua existência – a personificação do criador na Terra. A divindade potencial da humanidade era buscada pelos kemitas através de sua crença na transformação do ser humano em se tornar semelhante a Deus.

Era uma ciência voltada à incorporação do conhecimento espiritual, para a internalização e expressão corporal dos poderes intelectuais e espirituais, ao invés da utilização mecanicista de conhecimento-poder pela a exploração e manipulação do ambiente terrestre. (Schwaller de Lubicz, 1977, p. 13).

A tradição da função sacerdotal do Rei Kemético tem sido associada a outros reinos africanos (Asante, 1990, pp 90-96, 2000, p 64;.. Diop, 1959/1990, pp 152-154, 1974, p. 138; Monges, 1997, pp 89-90, 102-108;. T'Shaka, 1995, p 41;. C. Williams, 1987, pp 96-99;. Wimby, 1985, pp 36-47).. "O rei Africano era distinguido do rei do Norte por sua essência divina e pelo caráter vitalista das suas funções. Um deles era um homem sacerdote, o outro era um deus-sacerdote entre os vivos" (Diop, 1959/1990, p. 140). O rei tinha o poder de trazer boas colheitas, de fato, ele era esperado para "garantir a ordem cósmica" (Diop, 1959/1990, p. 334). "O rei portava a força ka da nação e essa força era a solidariedade coletiva do povo"³ (Asante, 2000, p. 64). Ainda hoje, depois de anos de dominação colonial europeia, os reis/chefes da Ashanti da tradicional Gana ainda são considerados "sagrados por causa da ligação que têm com os ancestrais e deuses o sangue do chefe é sagrado; em

caso de lesão ou perda de sangue, uma ovelha deve ser sacrificada para evitar perigo sobrevir assuntos do chefe” (Warren, 1986, p. 42).

Independente dessa continuidade cultural, não há nenhuma evidência sugerindo que essa realeza divina existiu no mundo europeu em relação à sua realeza. Crítico para a compreensão do papel da realeza divina é o reconhecimento de sua relação simbiótica com o papel da rainha. Como Wimby (1985) afirmou em sua discussão sobre as “Horusas Femininas”, “havia igualdade entre homens e mulheres. A mulher tinha poder político, bem como o direcionamento geral do país, assim como suas irmãs em outras partes da África” (p. 36).

É evidente, porém, que os gregos e outros que foram estudantes de ensino superior imitaram tradições e rituais materno-centrados em Kemet sem as experiências de milhares de anos de treinamento espiritual que tinham entrado na produção de famílias reais que entendiam as suas obrigações.

A cultura de Kemet permaneceu Africana e essencialmente materno-centrada, apesar da corrupção dos valores patriarcais estrangeiros. Antes das invasões do norte, “o papel militar do Rei era atenuada e ficava em segundo plano, depois de seu papel sacerdotal e agrícola” (Diop, 1959/1990, p. 154).

A proteção das pessoas era vista como uma realização espiritual. A comunhão com o mundo espiritual e da prática da ordem de Maat como um empreendimento ético e moral era visto como uma forma de controlar a desordem e o caos (Budge, 1967, p cxix; Carruthers, 1986, pp 3-30; Karenga, 1991, pp. 352-394, 1994, pp. 108-109).

Maat é a personificação do ideal de materno (Karenga, 1994, p. 162), a sua presença e manifestação na organização institucional e na cultura humana assegurava a existência justo da humanidade como parte da ordem cósmica. Ela está para a justiça, a verdade, a honestidade, equilíbrio, reciprocidade, paz, e assim por diante. Ela também era reverenciada como uma deusa que é fundamental para a ascensão do espírito para alcançar o céu. O rei divino paga deferência à sua divindade feminina. Ele deve exibir essas qualidades femininas como o exemplo de deus na terra durante sua soberania. Desta forma, valores coletivos, consideração para a humanidade e a natureza, estima ancestral, e amor e respeito à família constituíam a continuação do ambiente e frustrava o perigo. Todos os membros da sociedade eram esperados para manter e preservar a ordem social através da prática da maternidade ideal de Maat.

O que é tão significativo neste estrutura de Estado é que não há separação entre religião e política. A religião era sinônimo do poder das mulheres. Assim, uma diferença gritante entre a estrutura do Estado Kemético e a estrutura dos EUA é a realização da iluminação espiritual e da coesão social. Nos Estados Unidos, a laicidade do sistema político é sustentada pela ideologia do cristianismo (patriarcal). Este sistema secular é construído sobre o sucesso da guerra profana travada contra os povos indígenas.

Nos Estados Unidos, como acontece com o conceito de realeza divina, o presidente é considerado o homem mais qualificado para assumir o cargo em nome dos interesses do povo. Como seria de esperar em um fac-símile patriarcal, a mãe divina não desempenha nenhum papel na têmpera de sua atividade. O presidente não é treinado como um sumo sacerdote ou espera-se que sejam irrepreensíveis em sua ação. Sua eleição é muitas vezes baseada em sua aparência ou personalidade ou capacidade de convencer os outros de sua dignidade com base na retórica, e não o discurso divino exigido em Kemet. A capacidade do presidente para tomar decisões sobre a economia política é vital. Burocracias enormes mantêm e controlam a economia através de serviços bancários e de investimento globais. Em Kemet, a riqueza também era produzido através da acumulação. Uma abundância de alimentos, artefatos, invenções, e assim por diante proveram troca para o comércio mundial. Comércio através de importação e exportação era inestimável para a vida e sustento de Kemet.

Em tempos estáveis que tinha riqueza em abundância e em circulação, oferecendo a todos, a perspectiva ou o sonho de uma vida muito acima do nível de subsistência. Quando o Estado era forte e bem organizado, muitas pessoas ganhavam muito a partir de seus mecanismos redistributivos, que devem, nestes tempos, ter agido como um controle geral sobre toda a economia simplesmente por conta de sua magnitude. (Kemp, 1989, p. 259).

Complexos de pirâmides centralizavam a posição do estado, e as enormes burocracias foram administradas por sacerdotes e sacerdotisas. Os resultados de Davies e Friedman (1998) foram que estes complexos alojavam imensos recursos de produção de fábricas de processamento de peixe a instalações de produção de alimentos e armazéns, bem como habitação para pessoas que trabalhassem. Era essencial para o suporte e manutenção institucional de suas crenças espirituais. As energias do estado estavam focadas no desenvolvimento de habilidades sociais criativas. Como Kemp (1989, pp. 89-90) sugeriu, a centralidade da religião tradicional para a vida dos Kemitas mantinha a dinâmica social do estado intacto. Embora estes complexos de pirâmides fossem projetos (africanos) do reino inicial, a ênfase no desenvolvimento espiritual e da centralidade da realeza divina foi mantida.

Para Kemet e os Estados Unidos, a ideologia era/é fundamental para manter a sua estrutura. A crença na justificação da ordem é necessária ou a ênfase está na sua manutenção espiritual ou material. Obviamente, o desenvolvimento institucional em torno destas ideologias é diferente, assim como as consequências da sua existência. Mais uma vez as suas diferenças podem ser atribuídas à Matriz Materno-Centrada e orientações patriarcais. Enquanto nos Estados Unidos, não há ninguém em posição de autoridade maior do que o presidente, o Pai, no Estado de Kemet, a Rainha Mãe tinha autoridade sobre ambos sua ascensão ao trono, bem como o mérito dele quando estava no poder. Mães Rainhas, como os reis e rainhas, eram consideradas deusas e como os portadores de novas gerações, tiveram imensas responsabilidades sobre os ensinamentos dos futuros reis e rainhas.

IMAGENS SAGRADAS DAS DIVINAS MÃES

Hathor, uma antiga deusa pré-dinástica, foi a mãe divina original e era associada com a realeza. Embora ela anteceda Auset (Isis), mais tarde ela se torna a esposa de Heru (Horus), o filho de Auset (Isis) e Ausar (Osiris). Ela é de origem núbia e está associada com a cura, bem como considerada a deusa do amor, música e dança. Ela é retratada com chifres de vaca com o disco solar entre eles. Ela era uma deusa universal e os gregos mais tarde a chamaram Afrodite (Hart, 1998, pp. 75-81). Ela às vezes se manifesta como a mãe vaca amamentando um rei (Hornung, 1982, p. 110). De acordo com Stone (1976), Hathor era

durante os primeiros tempos servidos por sessenta e um sacerdotisas e dezoito sacerdotes, enquanto a Deusa conhecida como Neith era assistida unicamente por sacerdotisas. No momento da XVIII Dinastia, mulheres já não estavam mesmo como parte do clero religioso, mas serviam como músicas do templo. (p. 38)

A Deusa Neith é uma mãe divina (Budge, 1967, p. Cxx). Ela é chamada de Mãe dos Deuses (Hornung, 1982, 147 p.). Ela também é conhecida como uma deusa criadora, da Dinastia do Reino Antigo. Ela tem origem no sul e foi dita ter seguido o Nilo até o norte de Kemet. Ela usa a coroa vermelha do Norte, (embora seu título de Senhora do Arco pode estar ligada a Ta Seti, conhecida como a terra do arco e localizada no sul). Ela está associada com a realeza. Sobek, seu filho, é simbolizado como um crocodilo. O símbolo do

crocodilo significa o poder e a força dos reis, especialmente no Alto Kemet (Hart, 1998, pp. 131-134).

Auset, mais conhecida como Isis, é uma mãe divina também conhecida como Mãe dos Deuses (Budge, 1967, pp. Cxiv). Sua coroa é um trono que é também o seu símbolo para o Mdw Ntr. Auset é vista frequentemente com chifres de vaca de Hathor e disco solar e às vezes é conhecida como o "grande semeadora". Ela é associada à realeza. Seu papel mais conhecido é como a esposa e irmã de Ausar (Osiris) e mãe de Heru (Horus) (Hart, 1998, pp. 101-106). Há muitas representações dela alimentando Heru, uma imagem que antecede a Madonna e criança por vários milhares de anos.

A Deusa Mut (Mut é a palavra raiz de mãe) era simbólica da mãe do rei. Ela usa as coroas do Alto e do Baixo Kemet. Ela manifesta-se como um leão e abutre e é vista usando asas de abutre em sua cabeça. Mut é um conceito do sul e tinha um sacerdote (e sacerdotisa) seguindo. Ela é a consorte de Amun e o filho deles é Khonsu, um deus da lua. Seu título é a esposa de deus. Esta união é considerada como uma tríade sagrada (como Maria, Deus e Jesus ou Auset, Ausar, e Heru) (Hart, 1998, pp. 128-129).

Sakhmet é uma deusa leão, e ela é do Reino Antigo. Ela é conhecida como a senhora das duas terras (Alto e Baixo Kemet). Sakhmet está associada a Mut, que aparece como um leão. Ela é considerada feroz e uma guerreira que é uma protetora dos reis. Ela é uma mãe divina e conectada com a cura e a medicina, tendo uma sequência de sacerdotes e (sacerdotisas) (Hart, 1998, pp. 187-189).

Bastet é uma deusa gata do Império Antigo. Como as outras, ela é uma mãe divina dos reis. Ela é do sul e sua forma original era de um leão (possivelmente Sakhmet). No Mdw Ntr, ela é descrita como o símbolo para um frasco de perfume e está associada ao perfume (possivelmente relacionados ao ritual em visitas de santuário e oferendas). Ela é destemida e conhecida como vingativa e ao mesmo tempo amorosa. Bastet é conhecida como a Senhora das Duas Terras. Os gatos foram mumificados com respeito a seus poderes (Hart, 1998, pp. 54-56).

No entanto, ainda hoje, a posição da rainha-mãe é uma ainda cobiçada por partes da África tradicional. Por exemplo, o Akan de Ghana confia na sabedoria da senhora mais idosa, ela tem um papel crítico na arena política.

Nos vilarejos, o corpo de aconselhamento oficial ao chefe muitas vezes incluía uma aberewa, uma mulher mais velha, ou obaapanin, uma funcionária do sexo feminino responsável pelos assuntos das mulheres. . . . Além disso, porém, os chefes são tipicamente do sexo masculino, as posições não têm sentido sem uma ohemmaa, rainhamãe, muitas vezes, uma irmã ou mãe do chefe, que tem uma mão na escolha do sucessor real e participa nos processos legislativos. . . . Ela tem seu próprio tribunal, onde ela se senta em jurisdição sobre certas questões internas; ela também tem o seu próprio corpo de conselheiros e akyeame, oradores que são na sua maioria do sexo feminino. (Yankah, 1995, pp. 70-71)

No norte de Gana, entre os Dagomba que têm poucas mulheres que se tornam sacerdotisas, a Tindaana (sacerdotisa da terra) é a líder geral de seu vilarejo perto de Tamale. Ela é responsável pelo bem-estar total das pessoas e da vila (Rijssel, 1999, p. 18).

O DECLÍNIO DA MATRIZ MATERNO-CENTRADA

De acordo com Stone (1976), mesmo no Kemet pré-dinástico

a Deusa realizava supremacia no Alto Egito (sul). . . . No Egito, o conceito da Deusa sempre permaneceu vital. (p. 35)

Divindades masculinas não apareceram até o início dos períodos dinásticos. Stone liga a perda gradual de status das mulheres às influências indo-européias.

Conquista e invasão foram as ferramentas de ruptura cultural para o encerramento da Matriz Materno-Centrada. Como Diop (1959/1990) teorizou, o patriarcado do berço norte era a antítese das sociedades materno-centradas do berço do sul. O foco agressivo dos patriarcas sobre a guerra e a conquista é incompatível com o desenvolvimento do berço sul. Embora Kemet foi capaz de defender-se militarmente, a repartição interna de seus valores a respeito de suas crenças espirituais desempenhou um papel significativo na sua morte e na de sociedades matriarcais da África-ampla séculos mais tarde.

A erosão da Matriz Materno-Centrada foi atribuída à ruptura e a corrupção da ordem social do estado de Kemet. A subversão de valores Materno-centrados, como o foco da maternidade como uma habilidade social importante, da veneração da energia espiritual feminina, do respeito pelos membros da sociedade e da instituição da sacerdotisa, terminaram esta antiga ordem. Exigia-se de todos os membros expor a compaixão e cuidado que a mãe concederia a seu filho, juntamente com as responsabilidades de transmissão de conhecimento e sabedoria dos valores culturais necessários para se tornar um membro da sociedade equilibrada. A ordem da Mãe ou Maat permitia que cada membro da sociedade compreendesse as responsabilidades dele/dela aos outros. Uma vez que o respeito pela Mãe fosse contaminado, as mulheres seriam colocadas à mercê da dominação masculina e o caos se seguiria.

Kemet como um estado Africano supervisionou a proteção interna da África. Foi o sul ou Alto Kemet que defendeu a África da invasão estrangeira. Os gregos e romanos nunca conquistaram as Candaces, Rainha Mães de Kush, mesmo após a conquista de Kemet. As Rainhas Mães continuaram a sua regência e defesa dos direitos da Núbia (Sudão) até a era cristã (Finch, 1990; L. Williams & Finch, 1985, p 20-32).

Parece que, sem o conhecimento das crenças do berço do norte, povos materno-centrados são incapazes de resistir ao ataque cultural, como evidenciado pela conquista do mundo pelos europeus. Isso não quer dizer que as tentativas de sociedades baseadas na tradição de patriarcalizar não tenham ocorrido em resposta a evitar conquista cultural. Há evidências de algumas estruturas e costumes patriarcais institucionais desenvolvidas para proteger as mulheres e, portanto, as famílias da imposição de culturas estrangeiras. Estes remanescentes de sociedades com o menor ponto histórico em suas lutas contra a extinção não pode ser considerado uma prova séria para desafiar a Matriz Materno-Centrada fundamental de suas origens.

A CONQUISTA DA ÁFRICA/MÃE

Nos Estados Unidos, a Mãe é depreciada; seu assassinato é testemunhado em Hollywood como uma norma cultural. O estupro e assassinato de mulheres é um tema central em muitos filmes assim como é na vida real. O retrato da mulher, seja Africana ou europeia, como a sedutora e o objeto sexual de Hollywood ou da vida real, para a venda de entretenimento ou como mercadorias, é uma realidade a cada dia. Da mesma forma, a mulher Africana é frequentemente não mais do que sensacionalistamente passada como a mãe incapaz em todas as mídias. Seus filhos e filhas vivem no caos na tela do cinema e na

vida real, no interesse de ganho de capital. Estas realidades tornaram-se mainstream, se espalhando por todo o mundo.

A conquista da África foi a conquista da mulher. Ela, a África, está sangrando e sendo depreciada, e aqueles que se lembrem dela são marginalizados, tornando-se extintos. Como Ayi Kwei Armah (1973) advertiu, "Um povo que perca de vista as origens está morto" (p. Xiv). A velha ordem da Mãe, Maat, que representava a estabilidade Africana, produziu os primeiros povos urbanos. A questão de saber se os Estados modernos, como os Estados Unidos, podem ser considerados superiores ou progressivos em comparação com os estados Africanos Antigos deve ser respondida no contexto da imagem e status da Mãe. Parece evidente que a representação da Mãe nos Estados Unidos é rebaixada, não divina. De acordo com a visão de mundo Africana, quando Maat é depreciada, não pode haver ordem.

Kemet pode proporcionar às pessoas Africanas contemporâneas com exemplos de formas de governar e de viver que ainda estão sem paralelo por parte dos Estados modernos. Somente descobrindo conexões culturais históricas que as pessoas Africanas podem instituir Sankofa e rever os antigos valores como base para a criação de um futuro onde a santidade da Mãe possa prevalecer, no interesse do verdadeiro desenvolvimento do mundo. Esta é tarefa de África – ela está disposta a isso?

NOTAS

1. Karl Marx utilizou uma análise cultural de base europeia para correlacionar o impulso para a mudança social a preocupações econômicas. Desta forma, as economias são separados de suas bases histórico-culturais e questões culturais se tornam irrelevantes. Para mais informações sobre as idéias de Karl Marx, ver Dove (1996).
2. Matriz Materno-Centrada é um conceito que se afasta do uso comum do matriarcado, que denota sociedades dominadas por mulheres. A definição de matriarcado de Diop (1959/1991) refere-se a reciprocidade masculina-feminina como base para a ordem social. Matriz Materno-Centrada reconhece esta realidade, oferecendo terminologia mais de acordo com e relevantes para essa crença.
3. O ka é conhecido como uma força vital, uma energia de vida associada ao espírito.
4. Dentro do quadro conceitual sobre a cultura de Ani (1994, pp. 312-317), a hipocrisia é vista como uma característica fundamental da cultura europeia. Dos membros da sociedade norte-americana, por exemplo, espera-se que acreditem que os políticos sejam honestos. A crença em si é hipócrita porque, na realidade, as pessoas sabem que os políticos, geralmente, não são honestos. Ética retórica é uma manifestação dessa condição em que a expressão verbal deste ideal é possivelmente aspirada, mas não praticada.
5. A antiga crença Akan, Sankofa, é que se deve tirar o melhor do passado para construir o futuro. Implica uma síntese de crenças e valores positivos do passado e do presente.

REFERÊNCIAS

- Amadiume, I. (1987). *Afrikan matriarchal foundations: The Igbo case*. Londres: Karnak House.
- Ani, M. (1994). *Yurugu*. Trenton, NJ: Africa World Press.
- Armah, A. K. (1973). *Two thousand seasons*. Oxford: Heinemann International.
- Asante, M. K. (1990). *Kemet, Afrocentricity & knowledge*. Trenton, NJ: Africa World Press.
- Asante, M. K. (2000). *The Egyptian philosophers: Ancient African voices from Imhotep to Akhenaten*. Chicago: African American Images.
- Budge, E.A.W. (1967). *The Egyptian book of the dead*. New York: Dover.
- Carew, J. (1994). *Rape of paradise*. Brooklyn, NY: A & B.
- Carruthers, J. (1986). *The wisdom of governance in Kemet*. In M. Karenga & J. Carruthers (Eds.), *The African worldview*. Los Angeles, CA: University of Sankore Press.

- Chandler, W. B. (1991). *Of Gods and men: Egypt's old kingdom*. In I. Van Sertima (Ed.), *Egypt revisited* (pp. 117-182). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Davies, V., & Friedman, R. (1998). *Egypt*. London: British Museum Press.
- Diop, C. A. (1974). *The African origin of civilization: Myth or reality*. Chicago: Lawrence Hill & Co.
- Diop, C. A. (1990). *The cultural unity of Black Africa*. Chicago: Third World Press. (Original work published 1959 as *L'Unite culturelle de l'Afrique noire*).
- Diop, C. A. (1991). *Civilization or barbarism*. Chicago: Lawrence Hill Books.
- Diop, C. A. (1996). *Towards the African renaissance: Essays in African culture & development, 1946-1960*. London: Karnak House.
- Diop, C. A., Leclant, J., Obenga, T., & Vercoutter, J. (1997). *The peopling of ancient Egypt & the deciphering of the Meroitic Script*. Lawrenceville, NJ: Red Sea Press.
- Dove, N. (1996). Racialized power relations: An African-centered critique of Marx's logic. *Western Journal of Black Studies*, 19(3), 357-380.
- Dove, N. (1998). *Afrikan mothers: Bearers of culture, makers of social change*. Albany, NY: SUNY Press.
- Finch, C. (1990). *The African background to medical science*. Londres: Karnak.
- Goldman, P. (1991). The Nubian Renaissance. In I. Van Sertima (Ed.), *Egypt revisited* (pp. 261-270). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Hart, G. (1998). *A dictionary of Egyptian gods & goddesses*. London: Routledge.
- Hilliard III, A. G. (1991). Waset, the eye of Ra & the abode of Maat: The pinnacle of Black leadership in the ancient world. In I. Van Sertima (Ed.), *Egypt revisited* (pp. 211-238). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Hornung, E. (1982). *Conceptions of God in ancient Egypt*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Houessou-Adin, T. (1998). The concept of "sitting on a man": Ibo women and political strategies. Unpublished doctoral dissertation, Temple University, Pennsylvania.
- Johnson, P. (1978). *The civilization of ancient Egypt*. Londres: Weidenfield & Nicolson.
- Karenga, M. (1991). Towards a sociology of Maatian ethics: Literature & context. In I. Van Sertima (Ed.), *Egypt revisited* (pp. 352-395). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Karenga, M. (1994). Maat, the moral ideal in ancient Egypt: A study in classical African ethics, Vol. 1. Ann Arbor, MI: UMI Dissertation Services.
- Kemp, B. (1989). *Ancient Egypt: Anatomy of a civilization*. London: Routledge. Kennedy, P. (1989). *The rise and fall of the great powers*. New York: Vintage Books.
- Monges, M. M-K-R. (1997). *Kush the jewel of Nubia*. Trenton, NJ: Africa World Press.
- Odotei, E. (1989). What is in a name?: The social and historical significance of Ga names. *Research Review*, 5(2), 34-51.
- Opoku, K. A. (1978). *West African traditional religion*. Accra, Ghana: F.E.P. International. Rijssel, van L. (1999). *Traditional medicine: Beliefs and values in the Northern Region in*

Ghana. Unpublished Master's thesis, Wageningen Agricultural University, Holland. Schwaller de Lubicz, R. A. (1977). *The temple in man*. Rochester, NY: Inner Traditions International. (Original publication 1949 as *Le Temple dans l'Homme*).

Stone, M. (1976). *When God was a woman*. New York: Harvest /HBJ Book.

T'Shaka, O. (1995). *Return to the African mother principle of male and female equality, Vol. 1*. Oakland, CA: Pan Afrikan Publishers & Distributors.

Walker, R. (1999). *Roots of Black history: A comprehensive guide to the ancient and mediaeval history of Africa*. London: Bogle L'Ouverture.

Warren, D. M. (1986). *The Akan of Ghana*. Accra, Ghana: Pointer Ltd.

Watterson, B. (1997). *Women in ancient Egypt*. London: Sutton.

Williams, B. (1991). The lost pharaohs of Nubia. In I. Van Sertima (Ed.), *Egypt revisited* (pp. 90-104). New Brunswick, NJ: Transaction.

Williams, C. (1987). *The destruction of Black civilization*. Chicago: Third World Press.

Williams, L., & Finch, C. (1985). The great queens of Ethiopia. In I. Van Sertima (Ed.), *Black women in antiquity* (pp. 12-35). New Brunswick, NJ: Transaction.

Wimby, D. (1985). The female horuses and great wives of Kemet. In I. Van Sertima (Ed.), *Black women in antiquity*. New Brunswick, NJ: Transaction.

Yankah, K. (1995). *Speaking for the chief*. Bloomington: Indiana University Press.

Yellen, J. E., Brooks, A. S., Cornelissen, E., Mehlman, M. J., & Stewart, K. (1995). A middle Stone Age worked bone industry from Katanda, Upper Semliki Valley, Zaire. *Science*, 268, 553-556.

Nah Dove é uma conselheira/consultora que vive em Gana. Ela está trabalhando em dar seguimento em um livro, *Afrikan Mothers: Bearers of Culture, Makers of Social Change* (Mães Afrikanas: Portadoras da Cultura, Fabricantes de Mudança Social. Antes de sua mudança para Gana, Dra. Nah Dove lecionava em Medgar Evers College, em Nova York, da Universidade Estadual de Nova York, em Buffalo, na Universidade Temple, Filadélfia e Universidade Estadual da Pensilvânia, em University Park. Como uma estudiosa interdisciplinar, sua pesquisa centra-se em continuar a investigar as implicações sociais e globais da identidade cultural Africana para Mulheres da diáspora Africana.